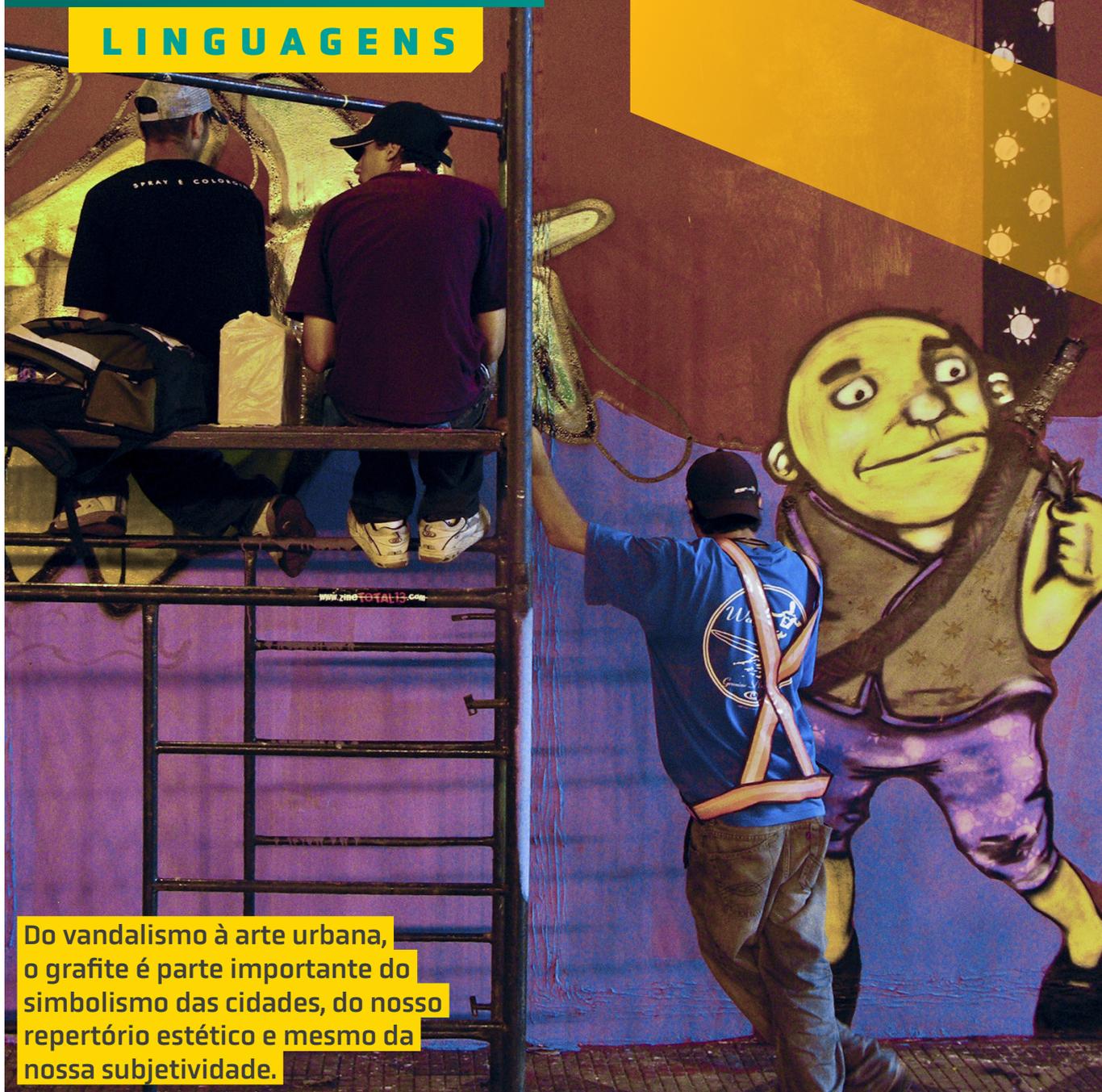


ARTI CULA ÇÃO

ITINERÁRIOS



LINGUAGENS



Do vandalismo à arte urbana, o grafite é parte importante do simbolismo das cidades, do nosso repertório estético e mesmo da nossa subjetividade.

V O grafite e a Cidade Linda

[...] uma das mais polêmicas discussões do ano [de 2017] foi em relação ao projeto “**Cidade Linda**”, que apagou grafites em vários locais importantes da cidade de São Paulo, como a Avenida 23 de Maio.

Percebe-se o surgimento de um questionamento cada vez mais polemizado: existe limite entre espaço público e espaço privado? O grafite como arte e meio cultural está cada vez mais relacionado com a importância da utilização do espaço público, como meio de transmitir, mais democraticamente, a cultura e a arte.

Grafite contra o lixo é o nome de um projeto social que utiliza o grafite como forma de melhorar espaços públicos. Não só melhorar a estética do espaço, como transformar um espaço, antes totalmente ocupado pelo acúmulo do lixo, em um espaço útil, para a própria população local. [...]

[...] Para André da Silva França, um dos organizadores e participantes do Coletivo Cultural Cenário Urbano, a ideia surgiu quando percebeu que para fazer algo novo era preciso muito mais do que “ensinar a missa aos padres, e política aos políticos”. André também afirma:

“Eu fiquei pensando de que maneira eu poderia fazer a “Dona Maria”, que trabalha de empregada doméstica o dia todo, conhecer o grafite?! Eles não sabem o que é grafite, *bomber*, pichação... Isso é conversa pra rapaziada. As pessoas que trabalham o dia inteiro, que estão aí cansados, que chega em casa e quer descansar, eles não têm acesso. Então pensei em pegar pessoas legais e juntar com um tema como o meio ambiente. Nossa ‘grafitagem’ possui sempre a mesma temática: criança e o meio ambiente”.

Os participantes do Projeto organizam um grande evento na região e fazem sua divulgação antes da data estabelecida. É durante o evento que eles grafitam o muro, levam poesia, literatura, *hip-hop*, retiram o lixo, fazem brincadeiras no chão para as crianças e transformam uma área totalmente tomada pelo lixo em uma área útil para a comunidade que ali vive.

GOULART, Julia Castello. O grafite e a Cidade Linda. **Fala Universidades**, 3 maio 2017. Disponível em: <<https://falauniversidades.com.br/grafite-cidade-linda>>. Acesso em: 12 jan. 2021.



Painéis de grafite colorem e trazem vida à paisagem urbana do Centro de Goiânia

Quem passa pela Rua 3, no Centro de Goiânia, não pode deixar de observar duas intervenções artísticas que mudaram — para melhor — a paisagem da região nos últimos dias. São dois painéis de grafite, separados por alguns poucos metros, que revelam toda a riqueza da arte urbana da capital e atraem, de imediato, a atenção do público. [...]

Para compreender o processo de concepção dos murais e como funciona o Manifesto Urbano, movimento artístico promovido pela produtora Valenta, que pretende criar um circuito de arte pública em Goiânia, a Factual conversou com Larissa Pitman, produtora de arte e idealizadora do projeto. [...]

Revista Factual: Qual a importância de murais como esses e qual a contribuição do grafite e da arte para a paisagem urbana de Goiânia?

Larissa Pitman: A arte urbana é um dos movimentos da arte contemporânea que mais teve ascensão global nos últimos anos. Esse formato vem conquistando olhares menos preconceituosos e mais curiosos, colocando em questão assuntos importantes para a vida conjunta tão característica das cidades.

Nesse sentido, e levando em conta a privação a espaços culturais, a presença de arte na vida urbana se provou ainda mais importante com essa experiência de quarentena, que obrigou diversos espaços e atividades culturais a fecharem por tempo indeterminado.

Assim, a presença de arte gratuita e escancarada nos espaços públicos se comprova como experiência estética de presença essencial na conturbada vida urbana, sobretudo em um momento como o atual, onde o espaço público e amplo das ruas tem sido um dos poucos espaços possíveis de se poder — ou precisar — circular.

MARTINS, Vinicius. Painéis de grafite colorem e trazem vida à paisagem urbana do Centro de Goiânia. **Revista Factual**, 15 dez. 2020. Disponível em: <<https://revistafactual.com.br/goias/cultura-e-diversao/2020/12/15/paineis-de-grafite-colorem-e-trazem-vida-a-paisagem-urbana-do-centro-de-goiania>>. Acesso em: 12 jan. 2021.



Faça um *tour* virtual pela exposição “OSGEMEOS: segredos”.



<https://ftd.li/crghrk>

Osgemeos voltam com seu universo multicolorido ao museu de São Paulo onde tudo começou

Quando a Pinacoteca de São Paulo abriu suas portas, há mais de um século, dois dias por semana eram reservados para escolas públicas. Era para incentivar as visitas das crianças. Os programas educacionais foram se adaptando aos tempos. E quando, no início dos anos oitenta, Margarida levou os seus filhos pequenos — gêmeos idênticos de sete anos — ao museu, a uma oficina, a monitora lhes deu uma lata de *spray* para desenhar na parede. A primeira de suas vidas. A arte se tornou sua forma de expressão e sua vida. OSGEMEOS, os grafiteiros brasileiros mais internacionais, regressam à Pinacoteca com todas as honras. Protagonizam a grande exposição de reabertura. O coronavírus forçou o adiamento da inauguração de *OSGEMEOS: segredos*, prevista para março. Mas o rico universo multicolorido criado pela dupla parece feito à medida para o momento. É uma injeção poderosa de vitalidade em tempos sombrios. [...]

[...] “Nossa obra nasce de nossa necessidade de nos expressarmos, de encontrar novas formas de falar com as pessoas. De expressar o descontentamento com o injusto, de transformar o triste daí fora em uma coisa bonita, positiva, lúdica”, contam. A dupla se considera operários da arte que, com perseverança e muito estudo, transformaram uma paixão em um ofício com o qual ganhar a vida e que os catapultou ao sucesso internacional. [...]

[...] Concebem o grafite como algo incompatível com um museu. “Isto aqui não tem nada a ver com grafite. Para nós, o grafite está aí fora. É o ilegal, o transgressor.” É irônico que este museu, propriedade do Estado de São Paulo, os acolha quando há apenas seis meses as autoridades locais apagaram um de seus grafites lá fora. O mais recente de muitos que eles viram desaparecer sob a pintura cinza de um funcionário municipal. “Não têm que apagar nossos grafites, mas não têm que apagar os de ninguém! Não deveriam gastar dinheiro público com isso. O Brasil tem problemas de saneamento, de saúde, de violência... problemas muito mais sérios do que se preocupar com quem está pintando uma parede.” [...]

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Osgemeos voltam com seu universo multicolorido ao museu de São Paulo onde tudo começou. **El País**, 30 out. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-30/osgemeos-voltam-com-seu-universo-multicolorido-ao-museu-de-sao-paulo-onde-tudo-comecou.html>>. Acesso em: 12 jan. 2021.





Grafite: do vandalismo à arte urbana

O britânico Banksy, um dos maiores artistas do grafite da atualidade, cuja identidade permanece secreta, afirmou certa vez que o grafiteiro deve falar com suavidade, mas carregar sempre uma grande lata de tinta. O recado é claro: o conteúdo da mensagem deve contar com sensibilidade, emocionar, mas os meios utilizados podem ser contundentes.

Assim como o pensamento do artista, a história do grafite sempre foi marcada de controvérsias. O grafite foi abominado nos anos 1980 e 1990 pela “sujeira” que espalhava pela cidade — ocasião em que costuma ser chamado de pichação —, mas aos poucos foi diversificando suas técnicas, ganhando reconhecimento e admiradores, até encontrar sua redenção no século XXI.

Quando o tema surge em uma roda de conversa, não é raro que alguém pergunte: pichação é arte? Ou mesmo: existe diferença entre pichação e grafite? São questionamentos pertinentes, mas sobre os quais a literatura especializada ainda não conseguiu chegar a um consenso. O motivo é que pichação e grafite apresentam características distintas, porém compartilham a mesma origem e possuem limites muito fluidos.



Assista ao vídeo que debate se há diferença entre grafite e pichação.



<https://ftd.li/osyj58>

Limites como estética, presença e ausência de figuras ou textos e ilegalidade não conseguem definir nem separar pichação de grafite. Mas será que essa distinção importa tanto assim? Quando falamos de arte, não há uma régua que separe o que é uma obra genuína e o que não é. Isso porque o que toca, faz refletir ou mesmo choca alguém pode não causar o mesmo efeito em outra pessoa. Nesses casos, a régua que separa o que é ou não uma obra de arte para cada um de nós é a nossa sensibilidade.

Dessa forma, como para qualquer outra modalidade artística, é muito mais interessante pensar sobre que sentimentos esses desenhos e escritas causam em nós e em como eles nos afetam e nos fazem pensar, do que se podem ser classificados ou não como genuínas obras de arte.

Muito além do gosto e da legalidade ou da ilegalidade, é fundamental conhecer um pouco mais sobre essa forma de expressão. Assim, cada um pode apreciá-la com mais propriedade e emitir sua própria opinião.

Nascimento ou modernização?

Utilizar superfícies públicas como meio de expressão nem sempre foi crime. Ainda que possa parecer inusitado, a arte realizada em paredes e muros pode ser considerada ainda mais antiga do que a própria noção de lei.

Durante os séculos XIX e XX, inúmeros desenhos inscritos em cavernas e rochas, realizados por povos primitivos, foram descobertos e estudados por arqueólogos. No Brasil, um dos mais conhecidos é o conjunto encontrado na Serra da Capivara, no Piauí, realizado há mais de 15 mil anos e considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Graças a desenhos como esses, hoje sabemos mais sobre como nossos ancestrais viviam e podemos até imaginar quais eram seus sonhos, anseios e temores.

Com a evolução da vida em sociedade e a difusão da escrita, foram registradas inscrições em muros, paredes e até túmulos em diversas civilizações, como a egípcia e a grega. No Império Romano, a inscrição de nomes e poemas nas paredes de Roma começou a ser usada como forma de contestação do poder dominante, com defesa e apoio a figuras políticas e até a gladiadores. Não à toa a palavra “grafite” deriva do italiano “*grafitto*”. Na França dos séculos XVIII e XIX, período de intenso debate de novas ideias, era comum encontrar frases de protesto nos túneis usados para fazer a manutenção de cemitérios, refúgio onde os autores podiam se expressar sem serem vistos.

Já durante a Segunda Guerra Mundial, por onde as tropas estadunidenses passavam popularizou-se o uso da expressão “*Kilroy was here*” (“Kilroy esteve aqui”), sempre acompanhada do desenho de um personagem narigudo que espia por trás de um muro. Há relatos de que o exército alemão chegou a pensar que Kilroy era um perigoso espião, mas a inscrição nada mais era do que uma maneira de os soldados estadunidenses registrarem sua passagem com o uso de um símbolo comum e compartilharem, assim, um sentimento de cumplicidade e união.

Grafite contemporâneo

Não surpreende, portanto, que mudanças na sociedade e o advento de novas tecnologias para desenho e pintura, como as latas de *spray*, tenham desencadeado mudanças profundas na maneira de se expressar, dando origem ao grafite contemporâneo.

Dizem que “*Kilroy was here*” foi um dos primeiros memes da história. Acesse o site para saber mais.



<https://ftd.li/byyzf8>

Assista a uma palestra sobre os impactos sociais do grafite.



<https://ftd.li/y6redq>

Na sua origem, o grafite fez parte de um movimento maior, o *hip-hop*. Nascido na década de 1960, na região do Bronx, em Nova York (EUA), e criado sobretudo por artistas de origem afro-americana, latino-americana e caribenha, o *hip-hop* também foi responsável pelo aparecimento de outras expressões artísticas importantes, como o *rap*, no âmbito da música, e o *breakdance*, no da dança.

Inicialmente, o grafite consistia em escrever uma *tag*, isto é, o nome de uma pessoa ou grupo, em lugares em que pudesse ser notada por grandes audiências, alguns deles de difícil acesso. Na prática, a atividade misturava elementos de autoafirmação, sentimento de grupo, protesto, demanda por voz e diversão.

Rapidamente a prática virou um verdadeiro fenômeno da cultura marginal de Nova York e de outras cidades, sobretudo entre os jovens. Com a sua popularização, em poucos anos, muros, edifícios, metrô e trens se tornaram grandes painéis, nos quais cada metro quadrado era disputado pelos *taggers*. Foi a época em que os primeiros grafiteiros começaram a ficar famosos. Um exemplo é Cornbread, nativo da Filadélfia, que mais tarde se tornaria um importante ativista.

A prática, no entanto, foi amplamente criticada, já que esbarrava no direito à integridade do patrimônio, fosse ele particular ou público. A recriminação, originada no seio da própria sociedade, que não queria ver o muro de suas casas “pichado”, passou aos poucos a ganhar notoriedade e ser reprovada por meios de comunicação e perseguida pelo governo com policiamento ostensivo e leis mais rigorosas.

Acontece que, concomitantemente à repressão, a crescente difusão de estilos e a rivalidade por visibilidade acabou aguçando a criatividade dos grafiteiros, que criavam tipografias e desenhos cada vez mais plurais e elaborados. Foi esse justamente o salto que fez o grafite expandir os horizontes.

É nessa época que surgiram grafiteiros icônicos, como Jean-Michel Basquiat, cujos desenhos levavam a assinatura “SAMO”, e que mais tarde se tornaria um renomado artista plástico, e Keith Haring, cujos murais com pequenas figuras coloridas foram dos metrô às maiores galerias de arte do mundo.

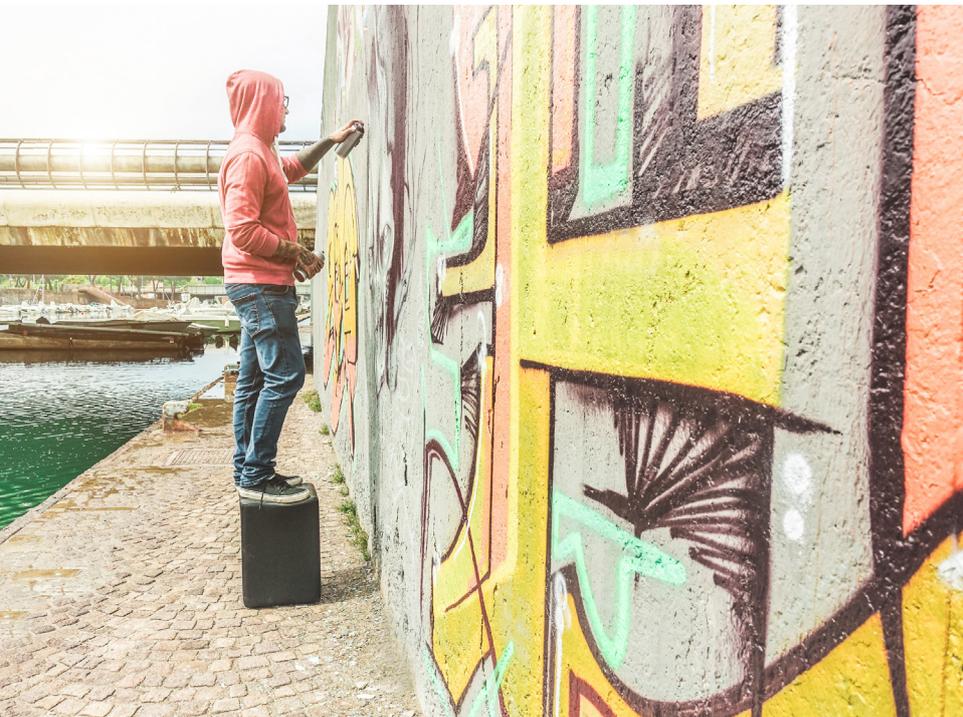


Grafite no mundo e no Brasil

Em pouco tempo, o grafite nascido nos Estados Unidos se espalhou pelas grandes cidades do mundo. Na Europa, alguns estilos, como as frases de ordem espalhadas pela cidade no contexto dos protestos de Maio de 1968 já eram conhecidas, mas a difusão do movimento *hip-hop* e das novas técnicas deu novo impulso à prática. Ainda que os países elaborassem leis cada vez mais duras para combatê-la, quando o muro de Berlim foi derrubado, em 1989, estava quase que completamente pichado.

No Brasil, o grafite chegou na década de 1970, em plena Ditadura Militar. Presente, sobretudo na cidade de São Paulo e em outras grandes capitais, serviu em grande parte como forma de contestação ao regime autoritário e à falta de liberdade de expressão. Tal como em Nova York, também se espalhou por bairros e pela periferia das cidades, como uma forma anárquica que os jovens encontraram para demandarem visibilidade.

Foi na década de 2000 que o grafite deu um grande salto em popularidade. Muitos grafiteiros de renome internacional contam hoje com obras emblemáticas expostas em diversas cidades do mundo e se dividem entre outras artes, como a pintura, o vídeo e a performance.



Alguns artistas contemporâneos reconhecidos são o francês Blek le rat, conhecido como pai do estêncil, o russo Dmitri Vrubel, famoso pela obra “Beijo Fraternal”, que retrata dois líderes mundiais beijando na boca, e a francesa Miss Van, célebre, entre outras coisas, por seus personagens de olhos verdes.

Os artistas brasileiros possuem lugar privilegiado no cenário internacional. É difícil citar todos, mas entre eles estão Cranio, cujo símbolo mais conhecido é o índio azul, Kobra, que em 2016, com a obra Todos Somos Um, ganhou o recorde de maior mural já realizado, e Anarkia Boladona, que apresenta temáticas quase sempre transgressoras.

Grafite hoje e sempre

Cinquenta anos depois da invenção do movimento *hip-hop* e do grafite contemporâneo, o panorama da arte urbana está completamente mudado. Nas últimas década, artistas ligados ao grafite, elaborando obras cada vez mais profundas e audaciosas, conseguiram operar uma verdadeira revolução na opinião pública, tornando-se cada vez mais respeitados e admirados.

Hoje, o grafite não está apenas nas ruas, mas na publicidade, nos *videogames*, em museus, galerias e casas de leilão de arte de quase todas as grandes cidades do mundo. O caso mais emblemático é o de Banksy. Além de ter obras vendidas por milhões de dólares, proprietários que tiveram seus muros grafitados pelo artista chegaram, mais de uma vez, a cortar parte da parede, não para se livrar da pichação, mas para vendê-la como obra de arte.

Veja exemplos de grafites pelo mundo.



<http://ftd.li/tij678>

Se o grafite costumava ser associado sobretudo à degradação de certos bairros e mesmo à criminalidade, hoje grandes capitais internacionais, como Viena, Bogotá e Tel Aviv, oferecem tours guiados para contemplar obras expostas no seu espaço público. Em 2017, um estudo realizado em Berlim chegou a relacionar a presença e a qualidade da arte urbana com áreas da cidade que passam por intenso processo de gentrificação, indicando a valorização econômica que o grafite produz no entorno.

Mais importante do que tudo isso, o grafite e a arte urbana em geral se tornaram parte importante do simbolismo das cidades, do nosso repertório estético e mesmo da nossa subjetividade. É possível afirmar, conseqüentemente, que essa forma de arte cumpriu e continua cumprindo sua função: produzir comoção e reflexão. Em razão de uma de suas principais características, a contestação, não há dúvidas de que essa expressão artística continuará ainda por muito tempo a se reinventar e surpreender.



◀ **Bruno Barrio** é bacharel em Letras Português/Francês pela Universidade de São Paulo, possui pós-graduação em Roteiro de Cinema e Televisão pela Universidad Pontificia de Salamanca, na Espanha, e em Produção de Audiovisual – Projeto e Negócio no Senac. Foi gestor de conteúdo na empresa eduK, onde elaborou diversos cursos da área de Artes e Negócios. É roteirista de cinema e televisão, tendo escrito roteiros de ficção, de documentários, de animação e educacionais. Também trabalhou e prestou serviço para diversas editoras no âmbito de Linguagens e Artes.

Muito além do grafite: a arte urbana

A popularização do grafite e a sua difusão pelo mundo inspiraram artistas a realizar outras formas de expressão que usam os espaços públicos como suporte. Com o tempo, esse conjunto de técnicas passou a ser agrupado sob o rótulo de “arte urbana”. Embora frequentemente englobem categorias como dança, audiovisual e *performance*, algumas modalidades de arte urbana apresentam estreita relação com o grafite.

Estêncil



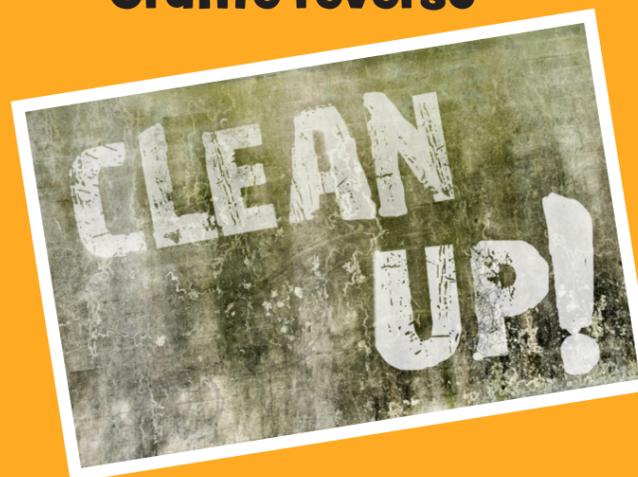
É uma técnica bastante popular, elaborada com base em um corte de uma prancha que dá origem a um desenho. Em seguida, a prancha é colocada sobre uma superfície, e a tinta é depositada somente no orifício, dando origem a tipografias, símbolos e figuras.

Adesivos e lambe-lambe



São adesivos e pôsteres fixados com “cola de farinha”, no caso do lambe-lambe, a superfícies públicas, como muros e postes. Eles podem ter como objetivo propagar uma ideia, uma mensagem ou um desenho.

Grafite reverso

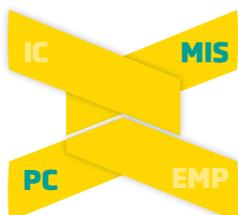


Essa técnica, ainda pouco conhecida, consiste em criar figuras não por meio da aplicação de tinta, mas pela limpeza de superfícies sujas.

Yarn Bombing (em português, “Bombardeamento de Fios”)

É o revestimento de objetos, árvores e superfícies da cidade com coberturas criativas e coloridas feitas com materiais como o crochê.





> **Processos criativos**
> **Mediação e intervenção sociocultural**

A atividade foi pensada para poder ser feita fora da sala de aula, se a escola estiver fechada por precaução quanto à covid-19. Podem ser usados dispositivos tecnológicos para as discussões em grupo, como planilhas e editores de texto compartilhados, aplicativos de mensagens, redes sociais, entre outros. As apresentações podem ser feitas via videoconferência e por meio do compartilhamento de arquivos.

> Depois de conhecer melhor o grafite e a arte urbana, é hora de usar seus conhecimentos para desenvolver a sua própria obra de arte, sempre com criatividade e responsabilidade.

1. Dividam-se em grupos. Esse é um trabalho de arte conjunto, portanto é importante escolher parceiros com quem você tenha afinidade de ideias e estética.
2. Conversem, debatam e escolham uma obra a ser realizada. Para isso, é fundamental planejar os seguintes tópicos:

Que mensagem vocês desejam passar com essa obra?

Que técnica é a mais adequada para isso? Vocês podem escolher uma das técnicas abordadas pelo texto.

Qual é o local mais adequado para expor o trabalho? Que tipo de público vocês gostariam de atingir? Pode ser um espaço na escola, no bairro ou em um muro.

De que materiais e ferramentas vocês vão precisar? É um projeto economicamente realizável?

Se vocês acharem que essa obra trará benefícios a alguém ou mesmo à sociedade, é possível pensar até em um patrocinador. Ele pode ser a própria escola, o dono do muro ou uma empresa.

3. Com essas informações, façam um projeto do desenho a ser elaborado. O projeto também pode contar com um texto que especifique ideias, conceitos, técnicas, materiais, influências, orçamento e o que mais julgarem interessante.
4. É necessário pedir autorização ao proprietário do espaço para a realização da obra. Caso julguem interessante, esse também é o momento de tentar convencer um patrocinador a ajudá-los de alguma forma. Nos dois casos, fica muito mais fácil se vocês tiverem um projeto organizado e objetivo para mostrar.
5. Com a autorização em mãos e o material organizado, é hora de grafitar!

Na BNCC:

- EMIFCG04
- EMIFCG05
- EMIFCG06
- EMIFCG07
- EMIFCG08
- EMIFCG09
- EMIFLGG05
- EMIFLGG07
- EMIFLGG08
- EMIFLGG09

Conteúdos abordados:

- Arte visual urbana;
- Grafite;
- Pichação.

Com base nos textos apresentados, pretende-se que os estudantes possam formar sua própria opinião sobre o lugar do grafite na arte. É esperado que eles se familiarizem com sua história, evolução, técnicas e principais artistas nacionais e internacionais. Além disso, eles podem ampliar a visão que possuem do grafite, aprofundando-se no conceito de arte urbana. Essa modalidade, que pode continuar a ser investigada em sala de aula ou fora dela, compreende diversas práticas ligadas ao mundo das artes visuais, como a dança, a música, a *performance*, além de técnicas que envolvem mais de uma categoria de arte tradicional, como o *flashmob* e o *videomapping*. Para saber mais sobre o assunto, é possível assistir e debater documentários que tratam do grafite e da arte urbana, como **Saída pela Loja de Presentes**, sobre a obra e o pensamento de Banksy, **Obey Giant**, sobre a trajetória do artista Shepard Fairey, e **Bomb It**, entre outros.

Linguagem e comunicação

Neste ciclo de 2021, o **Articulação Itinerários LT** aborda temas que se relacionam às diferentes linguagens e formas de comunicação que viabilizam a transformação sociocultural brasileira, evidenciando como as expressões verbais, corporais e artísticas comunicam e refletem sentimentos, interesses e necessidades de um povo.

ARTI CULA ÇÃO

ITINERÁRIOS

LINGUAGENS

FEVEREIRO | 2021 EDIÇÃO Nº 2



Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto

Cayube Galas

Gerente de conteúdo

Júlio Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Amanda Bonuccelli Voivodic

Editora assistente

Tatyana Ferlin Assami

Colaboradores

Cintia Leitão

Gustavo Lima Nomura

Fernanda de Lima Bernardes

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Marcia Berne

Pesquisa de iconografia

Equipe FTD

Coordenadora de criação

Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Atilli

Editora de arte

Giulia Crema Sposito

Créditos das imagens:

p.1 Alf Ribeiro/Shutterstock.com; p.2 Alf Ribeiro/Shutterstock.com; p.3 sashafolly/Shutterstock.com;
p.4 cifotart/Shutterstock.com; p.5 A_Lesik/Shutterstock.com; p.7 Lee Yiu Tung
p.8 DisobeyArt/Shutterstock.com; p.9 lazyllama/Shutterstock.com, Acervo pessoal; p.10 AVA Bitter/Shutterstock.com,
Unique Vision/Shutterstock.com, Photolines/Shutterstock.com, Tania Stout/Shutterstock.com